

PE 365 - ASSOCIAÇÃO ENTRE EXPOSIÇÃO DIÁRIA A TELAS (TELEVISÃO E CELULAR) E QUEIXAS RELACIONADAS AO SONO EM CRIANÇAS BRASILEIRAS: ANÁLISE ECOLÓGICA DE 2012 A 2019

Muriel Terra Pizzutti dos Santos¹

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Em 2019, 83,8% das crianças brasileiras de 9 a 12 anos relataram uso de dispositivos eletrônicos por mais de duas horas diárias, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (IBGE, 2021). Esse tempo excede o limite recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que sugere até duas horas por dia. A exposição prolongada às telas tem sido associada a prejuízos na qualidade do sono, impactando diretamente o crescimento e o desenvolvimento infantil (WHO, 2019). Diante desse cenário, torna-se relevante investigar a possível associação entre o tempo diário de tela e queixas relacionadas ao sono em crianças brasileiras ao longo dos anos. Analisar a relação entre o tempo médio diário de exposição a telas (televisão e celular) e a frequência de queixas de sono em crianças brasileiras entre 2012 e 2019. Estudo ecológico com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar nos anos de 2012, 2015 e 2019. Foram incluídas crianças entre 10 e 12 anos, estudantes do 5º ano do ensino fundamental. As variáveis principais foram tempo médio diário de exposição a telas (televisão e celular) e prevalência de queixas de sono, ambas autorreferidas. Os dados foram agregados por unidade da federação. Foram realizadas análises descritivas, correlação de Spearman e regressão linear simples, com nível de significância de 5 por cento. Verificou-se aumento progressivo no tempo médio de tela entre 2012 e 2019, com médias superiores a três horas diárias em todas as regiões em 2019. Simultaneamente, houve elevação na prevalência de queixas de sono, especialmente nas regiões Sudeste e Sul. Observou-se correlação positiva significativa entre o tempo de tela e a frequência de queixas de sono (coeficiente de 0,63, p inferior a 0,01). A regressão linear indicou que cada hora adicional de tela esteve associada a aumento médio de 4 por cento na prevalência de queixas de sono. Há associação positiva entre maior exposição diária a telas e aumento na frequência de queixas de sono em crianças brasileiras. Os achados reforçam a importância de estratégias educativas e políticas públicas voltadas ao uso equilibrado de dispositivos eletrônicos e à promoção de bons hábitos de sono desde a infância.

PE 366 - INTERVENÇÕES PRECOSES PARA PREVENÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL: EDUCAÇÃO NUTRICIONAL E PROGRAMAS ESCOLARES DE IMPACTO

Pietra Scortegagna Martins¹, Camilla Faturêto Silva², Mirelle de Oliveira Triz Afya³, Pedro Henrique Sant'anna de Moraes⁴, Amanda Vitória Serafim dos Santos⁵, Natália Costa Medeiros da Silva⁶, Camilla Virgínio Rocha da Costa⁷, Laís Tamy Konno⁸

1. Universidade Federal do Rio Grande, 2. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 3. Faculdade de Ciências Médicas de Manacapuru, 4. Universidade Tiradentes, 5. Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos, 6. Universidade do Estado do Amazonas, 7. Universidade Nilton Lins, 8. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

A obesidade infantil é um problema crescente que compromete a saúde e o desenvolvimento infantil. Intervenções precoces, como educação nutricional e programas escolares, são estratégias eficazes para promover hábitos saudáveis e prevenir o ganho de peso excessivo. Avaliar a eficácia da educação nutricional e de programas escolares na prevenção da obesidade infantil. Revisão sistemática baseada no protocolo PRISMA, com busca na PubMed usando os descritores: (*Childhood obesity OR pediatric obesity OR excess weight in children*) AND (*prevention OR early intervention*) AND (*nutritional education OR dietary habits*) AND (*school programs OR school environment OR school policies*). Foram incluídos artigos publicados entre 2020 e 2025, em inglês ou português, que analisassem intervenções precoces. Ensaios clínicos, meta-análises e ensaios clínicos randomizados foram considerados. Após a busca inicial (3.075 estudos), aplicaram-se critérios de exclusão, resultando em oito estudos selecionados para análise descritiva. Um estudo feito em 2021 com crianças de até dois anos observou um menor ganho de peso até os 18 meses, mas sem manutenção após 24 meses. Outro estudo, feito na China em 2020, relatou melhora na variedade alimentar no café da manhã, sem impacto na diversidade alimentar diária. Em uma pesquisa, identificaram aumento no consumo de vegetais (10,2% para 26,5%) e na prática de atividades físicas (12,2% para 26,5%). Enquanto em outra pesquisa evidenciaram redução do zBMI em crianças cujos pais participaram de sessões educativas. Em uma análise relataram redução da obesidade em 27% no grupo intervenção, contra 5,6% no grupo controle. Um estudo feito em Connecticut demonstrou que a abordagem multifacetada, com apoio familiar, contribui para uma redução no IMC infantil. Um estudo com crianças entre 5 e 17 anos relatou o impacto do covid no combate a obesidade infantil com as mudanças inesperadas, aumentou-se a sensação de fome. Por fim, um estudo feito em 2021 identificou diminuição da obesidade com uso de estratégias de gamificação nas escolas. A educação nutricional e os programas escolares são estratégias promissoras na prevenção da obesidade infantil, mas seu impacto tende a ser temporário. Estratégias contínuas e integradas, envolvendo famílias e escolas, são essenciais para garantir mudanças duradouras e melhorar a qualidade de vida das crianças.

PE 367 - PERFIL DE RISCO NUTRICIONAL NA UNIDADE DE INTERNAÇÃO E UTI PEDIÁTRICA DE UM HOSPITAL PRIVADO DO SUL DO BRASIL

Juliana Caprini¹, Armando Paes Corvo¹

1. Hospital Unimed Serra Gaúcha.

O risco nutricional é uma preocupação crítica, já que pacientes internados podem apresentar condições graves que podem afetar diretamente seu estado nutricional. A desnutrição pode acontecer de forma aguda ou crônica, acarretando prejuízo no crescimento e desenvolvimento da criança. Acontece devido privação alimentar ou em decorrência à uma doença de base. A triagem nutricional tem como objetivo identificar crianças em risco nutricional, para que recebam avaliação nutricional mais detalhada. Analisar o risco de desnutrição entre as crianças da Internação Pediátrica e da Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica no ano de 2024. Trata-se de uma análise de indicador hospitalar, alimentado ao longo dos 12 meses do ano de 2024 pela equipe de nutrição. A triagem nutricional é realizada pela nutricionista clínica, nas primeiras 24h de internação hospitalar, onde é aplicada a ferramenta validada Strong Kids, que avalia as patologias, o estado nutricional, ingestão alimentar e a perda de peso. A escala avalia o risco de desnutrição na hospitalização, onde podem ser classificadas como baixo risco (0 ponto), médio risco (1 – 3 pontos) e alto risco nutricional (4 – 5 pontos). A ferramenta é indicada para crianças entre 1 mês e 18 anos. Obteve-se uma amostra de 1.111 pacientes internados em UTI Pediátrica e Internação Pediátrica ao longo dos doze meses do ano de 2024. O predomínio das internações foram de baixo risco (n = 547, 49%), seguido por médio risco (n = 492, 44%) e em sua minoria, pacientes de alto risco nutricional (n = 72, 7%). Observa-se uma baixa prevalência de crianças em alto risco de desnutrição internadas na instituição. Provavelmente devido ao perfil socioeconômico da população atendida no setor privado, associando a melhor estado nutricional, maior disponibilidade de recursos em educação, apoio familiar e acesso facilitado à cuidados de equipes multidisciplinares. Portanto, permanece fundamental a triagem adequada do risco nutricional para melhorar o prognóstico, reduzir o tempo de internação e evitar complicações clínicas.

PE 368 - ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA SOBRE AS INTERNAÇÕES DE TRANSTORNOS RESPIRATÓRIOS E CARDIOVASCULARES NO PERÍODO NEONATAL NOS ANOS DE 2020 A 2024 NO BRASIL

Davi Azevedo da Costa¹, Cristiano do Amaral De Leon¹, Isadora Saurin Ritterbusch¹, Júlia Dobler¹, Marianne Schrader de Oliveira¹, Izabel Cristina Lemes Schneider¹, Vitória de Azevedo¹, Victoria Thones Rafo¹, Yasmin Soares Gottems¹, Anna Carolina Santos da Silveira¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

As doenças respiratórias e cardiovasculares adquiridas em ambiente hospitalar representam um problema significativo para os recém-nascidos (RN), especialmente os prematuros e os de termo com disfunções clínicas que exigem hospitalização prolongada. RNs de termo saudáveis têm taxas de internação < 1%, mas para neonatos em berçários de cuidados especiais, a incidência aumenta conforme o peso ao nascer diminui. As internações mais comuns são devido a transtornos cardiovasculares associados a cateter venoso central e pneumonia nosocomial. O objetivo deste trabalho é descrever dados epidemiológicos sobre as internações de transtornos cardiovasculares e respiratórios entre os anos de 2022 e 2024 nas macrorregiões do Brasil. Estudo epidemiológico quantitativo obtido através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). Entre 2022 e 2024, ocorreram 321.960 internações para tratamento de transtornos cardiovasculares e respiratórios no período neonatal no Brasil. As internações foram distribuídas entre as regiões do país, com prevalência na região Sudeste (119.931 casos), seguida pela Nordeste (97.688 casos), Sul (49.109 casos), Centro-Oeste (30.300 casos) e Norte (24.932 casos). Na região Norte, as internações aumentaram de 3.848 em 2020 para 5.925 em 2024, um crescimento de 54%. Na região Nordeste, o crescimento foi de 49%, com destaque entre 2020 e 2022, mas com desaceleração nos anos seguintes. No Sudeste, o aumento foi moderado, com um crescimento de 4,5% até 2023 e queda em 2024. Na região Sul, o crescimento foi de 22,4%, com alta contínua até 2023 e leve redução em 2024. Na região Centro-Oeste, o aumento foi de 19,6%, com tendência de estabilização e leve redução em 2024. A análise epidemiológica fornece dados cruciais para orientar políticas de saúde voltadas à prevenção, diagnóstico precoce e tratamento eficaz desses transtornos. Observa-se que, nas regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, houve uma redução expressiva nas internações, possivelmente devido a avanços preventivos ou mudanças no perfil das hospitalizações. A região Norte segue em crescimento constante, devido a desafios socioeconômicos e de saúde pública. As internações neonatais refletem tanto os avanços quanto os desafios no acesso e qualidade dos serviços de saúde, além do impacto das condições sociais e econômicas em cada região.